

Ficção Científica e Política Econômica em O Homem do Futuro

Science Fiction and Economic Policy in O Homem do Futuro

Maria Estela Silva Andrade – Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo | SP |
Brasil | E-mail: maria.estela@usp.br 

Luís Paulo de Carvalho Piassi – Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo | SP |
Brasil | E-mail: lppiassi@usp.br 

Resumo: Desde o início de seu processo de formação, o Brasil tem sido clamado como “o país do futuro”. Mesmo com alternâncias de regimes e projetos políticos, tal mito se renova e se sustenta. Como objeto cultural e midiático, o cinema, e a ficção científica como um de seus gêneros, propaga discursos que vão além de uma questão plástica, tendo efeitos políticos e sustentando ideologias (Kellner, 2001). A partir de uma metodologia que une a semiótica greimasiana à análise do discurso, sob o ponto de vista dos Estudos Culturais, temos como objetivo analisar como o discurso desenvolvimentista está inserido no filme “O homem do futuro” (Claudio Torres, 2011), levando em conta o momento histórico e cenário político da época. Os resultados nos permitem fazer um paralelo da evolução narrativa com as mudanças no cenário econômico do Brasil entre 1991 e 2010.

Palavras-chave: Semiótica. Ficção científica. Estudos culturais. Cinema. Brasil.

Abstract: For a long time Brazil has been named “the country of the future”. Despite of changes of regimes and political projects, this myth is renewed and sustained. As cultural and mediatic object, cinema, and science fiction as one of its genres, propagates discourses that go beyond esthetic, having political effects and sustaining ideologies (Kellner, 2001). With a methodology that links the french semiotics to the analysis of discourse from the point of view of Cultural Studies, we analyze how the discourse of development is inserted in the movie O homem do futuro (Claudio Torres, 2011), taking into account the historical moment and political scene of the time. The results let us make a parallel between the evolution of the narrative and changes in the Brazilian economic scenario between 1991 and 2010.

Keywords: Semiotics. Science fiction. Cultural studies. Cinema. Brazil.



<https://doi.org/10.22484/2177-5788.2018v44n2p227-239>

Recebido em novembro de 2018.

Aprovado em novembro de 2018



1 Introdução

Desde os primórdios da colonização brasileira pelos europeus, um ideal é cultivado: a convicção de que o Brasil é um país predestinado a tornar-se a nação do futuro – discurso presente desde a carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal. Neste sentido, há pronunciamentos e propagandas oficiais do Estado e reforçado pela cultura da mídia como um todo a cada geração.

Se no início éramos o paraíso perdido, logo passamos a ser "a terra que tudo dá" e a menina dos olhos do capitalismo mercantil ao abrigarmos os avançados engenhos de cana-de-açúcar. Também fomos a primeira civilização capaz de aglutinar três continentes (América, África e Europa), nos tornando a primeira economia em âmbito mundial (RIBEIRO, 1995, p. 271). Contudo, as mudanças ocorridas na dinâmica do sistema capitalista não permitiram que uma nação agroexportadora sustentasse o ideal de progresso, sendo necessário investir na industrialização do país.

De acordo com o pesquisador e professor da área econômica, Pedro Fonseca (2004), foi a partir da década de 1950, nos governos Vargas e Kubitschek, que políticas desenvolvimentistas passaram a ser adotadas no Brasil. Com núcleo duro composto pela industrialização, intervencionismo pró crescimento e um amplo nacionalismo, Segundo Fonseca, Cunha e Bichara (2013), o desenvolvimentismo não é apenas um conjunto de ideias e práticas, mas um projeto de nação. Tendo atingido seu auge no século XX durante o período da ditadura militar – o "milagre brasileiro" –, o discurso em prol do avanço caiu no ostracismo nas décadas de 1980 e 1990, para voltar à cena renovado nos anos 2000¹.

Entre os anos 2000 e 2011, conforme Cruz et al. (2010), o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro cresceu em média 4% ao ano, sendo que em 2010, o crescimento foi de 7,5%, após recessão em 2009. Junto a isso, Fonseca, Cunha e Bichara (2013) destacam que a junção de fatores como o aumento de investimentos em projetos sociais por parte do governo federal, a queda na taxa de desemprego e uma forte expansão de crédito, ajudou a manter o clima de estabilidade no país. Além do mais, acreditamos que nos primeiros anos de governo petista, a melhora em indicadores econômicos e sociais. Também a presença marcante do Brasil no cenário

¹ Alguns falam em "novo desenvolvimentismo" (FONSECA, CUNHA, BICHARA, 2004; SAMPAIO JR., 2012; OLIVA, 2012), outros em "ensaio desenvolvimentista" (SINGER, 2016); as diferenças entre os pontos de vista são cruciais.

político internacional e em grandes eventos midiáticos internacionais, associadas à figura de um líder carismático, ajudaram a gestar uma estrutura de sentimento² que reforçou o imaginário nacional mitológico de que o Brasil era digno de um lugar entre os grandes. Isto justifica reivindicações enfáticas a uma cadeira permanente no Conselho de Segurança da ONU. Mesmo que para alguns a política econômica do período seja caracterizada como híbrida, para Morais e Saad-Filho (2011), por não ter rompido totalmente com aspectos neoliberais das gestões anteriores, por termos de levar em conta as novas interações exigidas pelo neoliberalismo, entendemos que suas bases ideológicas podem ser encontradas no desenvolvimentismo.

Segundo Singer (2015, p. 54), com as mudanças na política econômica, a partir de 2013, “o desenvolvimentismo oferece resistência surda, porém crescentemente enfraquecida, à pressão em favor do choque neoliberal”. No mesmo ano, a onda de manifestações populares que ocorreram em diversos cantos do mundo chegou ao Brasil. Tendo como mote inicial a reivindicação contra o reajuste das tarifas dos transportes públicos, rapidamente expandiu-se para outras demandas e, junto à intensificação da crise econômica internacional, serviu como desacelerador do ritmo de crescimento do país. Menos de três anos após as jornadas de junho, o país atingiu uma crise política que culminou com o impeachment da presidenta petista Dilma Rousseff; o mito do país do futuro se tornou insustentável.

Mesmo que a esperança em se tornar a “nação do futuro” tenha sido novamente adiada, julgamos ser importante investigar a propagação do mito em nossa contemporaneidade, pois, Segundo Kellner (2001), os discursos políticos estão inseridos na cultura da mídia, que contribui para estabelecer a hegemonia de certos grupos e visões por meio das representações. Para ele, analisar os símbolos e como se dá o processo representativo é importante porque:

[...] as representações dos textos da cultura popular constituem a imagem política por meio da qual os indivíduos veem o mundo e interpretam os processos, eventos e personalidades políticas. [...] Numa cultura da imagem dos meios de comunicação de massa, são as representações que ajudam a construir a visão de mundo do indivíduo [...] consumando estilos e modos de vida, bem como pensamentos e ações sociopolíticas (KELLNER, 2001, p. 82).

Sob esta perspectiva, como partes constituintes da cultura da mídia, produções cinematográficas e literárias de ficção científica (FC) surgem como interessantes objetos de análise. Segundo Jameson (2005), a ficção científica, de forma particular, reestrutura nossas experiências do presente

² Estrutura de sentimento é o termo cunhado por Williams (1979), para designar relações socioculturais que indicam o espírito de um tempo que está por vir.



por meio do simbólico, o que permite analisar questões atuais sob novas perspectivas, o que Jameson chama de processo de neutralização.

A partir destas concepções e tendo em conta o cenário político-econômico do período analisado e as particularidades da cultura brasileira, vamos analisar as representações de nação do futuro, no filme brasileiro de ficção científica *O homem do futuro* (Cláudio Torres, 2011). Vamos tentar mostrar se o cinema nacional refletiu a retomada desse discurso e como essa tradução, se existente, foi feita de forma a contribuir com a manutenção do mito.

2 Semiótica, análise do discurso e estudos culturais

Devido à complexidade cultural que toda obra cinematográfica carrega em sua essência, analisar um filme em seu discurso se torna um processo com diversas variáveis. Com isso em vista, optamos por uma metodologia que articula três perspectivas de estudo: a semiótica greimasiana, a análise do discurso bakhtiniana e os estudos culturais.

Ao considerarmos que todos os constituintes de um filme formam seu texto (desde o roteiro ao tratamento das cores) e que a semiótica, segundo Barros (2005, p.11), "procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz". Acreditamos na eficácia da semiótica de Greimas para atingirmos nossa finalidade, pois com ela analisamos as relações sintagmáticas internas ao texto, evidenciando não só as estruturas narrativas presentes, como também oposições de valores implícitos e explícitos. Por meio do percurso gerativo de sentido, o texto é dividido em três níveis autônomos, porém relacionados, que vão, respectivamente, do mais profundo ao mais externo. São eles: nível fundamental (o mais abstrato, onde a significação parte de uma oposição semântica mínima), nível narrativo (no qual a narrativa é organizada sob o ponto de vista de um sujeito) e nível discursivo (o mais próximo ao/à leitor/a, em que estão identificadas as personagens, os locais e o tempo da história).

No entanto, apenas uma análise estrutural seria incompleta por não levar em conta as condições de produção desse discurso, por isso também aderimos à análise do discurso bakhtiniana, campo linguístico que considera todo enunciado como um produto social com a presença de enunciator/a e enunciatário/a, complementando a falta de historicidade da semiótica.

Ainda optamos por somar a essas duas heurísticas o olhar dos Estudos Culturais. Segundo Piassi (2012, p. 26), este campo vai além da análise do discurso por considerar a obra como "fenômeno cultural fundamentalmente ligado a determinadas condições concretas do contexto sócio-histórico objetivo em qual tal produção se dá", sendo imprescindível para a análise que pretendemos realizar.

3 O Homem do futuro

O homem do futuro é um longa-metragem brasileiro que une os gêneros ficção científica, comédia e romance. Escrito e dirigido por Cláudio Torres, a produção chegou às salas de cinema em setembro de 2011 com distribuição da Paramount e atingiu número de espectadores/as de pouco mais de 1,2 milhões de pessoas, de acordo com dados do Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual (2018). Além de ser (e por ser) uma parceria entre as grandes produtoras - Conspiração e Globo Filmes -, o filme conta com elenco já conhecido pelo grande público devido a trabalhos em telenovelas da Rede Globo e em outros filmes comerciais.

A narrativa se inicia em 2011, no Rio de Janeiro, e conta a história de João, mais conhecido como Zero, um brilhante físico e professor universitário, único no mundo com uma pesquisa ligada a um acelerador de partículas, devido aos investimentos de sua amiga Sandra na criação de um fundo de tecnologia para ajudá-lo. Junto a seu melhor amigo, Panda (apelido de Otávio), Zero tenta desenvolver uma nova forma de energia. No entanto, ele é infeliz e frustrado há 20 anos por ter sido publicamente ridicularizado por Helena – amor de sua vida que se tornou uma famosa modelo internacional – em uma festa, devido a uma armação de Henrique.

Ao ser tido como louco pelos investidores do fundo e ameaçado de ser substituído na liderança da pesquisa pelo cientista americano Steve Webbs, tomado pela raiva e pensando em Helena, Zero tenta provar sua teoria ligando o acelerador de partículas e se colocando no centro da ação. Para sua surpresa, ele viaja no tempo para 22 de novembro de 1991, dia em que ocorreu seu maior trauma.

Com essa oportunidade, o cientista manipula os acontecimentos para que Helena e seu eu jovem (João) não se separem, além de fornecer informações à versão jovem de Panda para garantir a riqueza de ambos. Por ter interferido na história, a versão de Zero que viajou no tempo não existe mais, assim, suas moléculas são desintegradas e rearranjadas em uma versão alternativa de 2011.

Agora Zero é o homem mais rico do Brasil graças a seus investimentos na bolsa de valores (já que sabia quando todos os fatos de impacto econômico iriam ocorrer), no entanto praticou atitudes mesquinhas para com seu antigo amigo e sócio, Panda (Otávio Investidor). Também foi casado diversas vezes, divorciou-se todas, uma delas com Helena, a quem mandou para a prisão por ciúme. Na área científica, comprou um projeto de acelerador de partículas desenvolvido por Sandra, porém, o manteve trancado em um cofre. Ao presenciar tais consequências sob o olhar do Zero inicial, ele se dá conta de que precisa novamente ir a 1991 e impedir o seu "eu" que viajou no tempo pela primeira vez de alterar o destino. Junto a



Otávio, numa quantidade de tempo que não nos é informada, ele tira o projeto de Sandra do papel e viaja no tempo mais uma vez.

Enquanto o João, sem saber de nada, se diverte na festa, a versão má de Zero (Zero maléfico) se recusa a desfazer a interferência e, com a ajuda do Otávio do 2011 alternativo, que também viajou no tempo, prende a versão boa do cientista em um porão e sequestra Helena e João. Amarrado, a versão de Zero que viajou no tempo (Zero bondoso) se dá conta de que todo o ocorrido estava previsto para acontecer, sendo a versão "original" de 2011 já uma consequência de todas essas interferências. Auxiliado por Sandra de 1991 (versão jovem da personagem), Zero bondoso derrota Zero maléfico e faz um acordo com Helena de procurá-la em 20 anos.

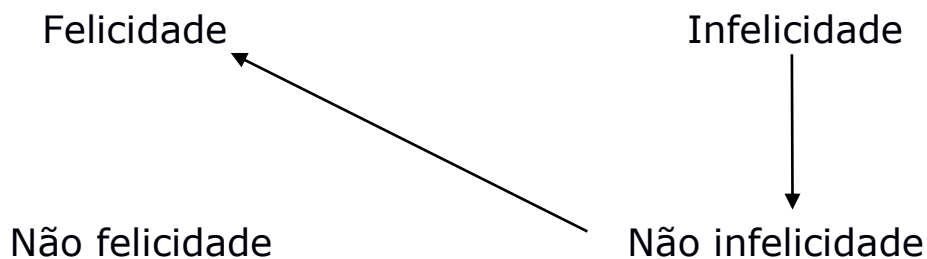
Reconfigurado em 2011, Zero destrói a máquina do tempo e corre ao aeroporto para se encontrar com Helena, que está a sua espera. Por fim, ele é julgado pelo crime de destruir pesquisa científica e é expulso da comunidade científica; no entanto, o acordo feito com Sandra no passado é revelado e a fortuna do fundo de tecnologia é dividida entre todos/as.

4 Análise

De forma simplificada, podemos dizer que O homem do futuro conta a história de Zero, um cientista que, devido a uma rejeição amorosa no passado, vive infeliz no presente e preenche o campo afetivo de sua vida com sua pesquisa científica, agora ameaçada de controle por um estrangeiro. Ao tentar reverter esta situação, ele se depara com uma viagem no tempo que o permite modificar o próprio passado para alcançar seu ideal de felicidade, depositado na figura de Helena e no dinheiro. Contudo, ao priorizar o enriquecimento e não agir de forma ética com as pessoas ao seu redor, Zero não atinge seu objetivo. Ele então volta ao passado novamente, agora para corrigir seus erros, priorizando os valores ética e amor.

Sob este ponto de vista, entendemos que o programa narrativo maior de Zero é alcançar sua felicidade, primeiro na tentativa de impedir que Steve Webbs assumira seu lugar na pesquisa, sendo depois substituído pela possibilidade de ficar com Helena. Assim, identificamos na narrativa a oposição fundamental entre os valores felicidade (eufórico) e infelicidade (disfórico), desenvolvida sob a forma das leituras temáticas do amor que resiste ao tempo e do respeito aos limites éticos. Dessa forma, descrevemos seu percurso no seguinte quadrado semiótico (Fig. 1).

Figura 1 - Quadrado semiótico



Fonte: Elaborada pela autora.

Assim, observamos que há três pontos de grande importância a Zero, cada um em seu momento, são o amor, o dinheiro e a ciência; dispostos da seguinte forma ao longo da narrativa.

Quadro 1 - Análise do filme

CRONOLOGIA	ETAPA DO SUJEITO	ACONTECIMENTO	ELEMENTOS PRESENTES	PERCURSO
2011 (inicial)	Manipulação	O sonho, a revista e as acusações de Panda fazem Zero constantemente se lembrar de Helena.	→ Ciência → Amor → Dinheiro	Infelicidade
2011 (inicial)	Competência	Criação da máquina do tempo.		
1991 (1ª interferência)	Performance	Volta a 1991 → interferências no passado para ter amor, dinheiro e poder.		Não infelicidade



2011 alternativo		Rejeita o amor para ter mais dinheiro, porém percebe que tal escolha o leva para a infelicidade novamente.	→ Ciência → Amor → Dinheiro	
1991 (2ª interferência)		Volta a 1991 → 2ª interferência no passado para ter amor e dinheiro	→ Ciência → Amor → Dinheiro	
2011 (final)	Sanção	Destrói a máquina do tempo, fica com Helena, enriquece e é expulso da comunidade científica.	→ Ciência → Amor → Dinheiro	Felicidade

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Ao tentarmos perceber como estes valores estão representados na trama, passamos ao nível discursivo da semiótica greimasiana, no qual os actantes, o espaço e o tempo da narrativa aparecem associados a figuras e temas. Começamos pelos figurinos e caracterização das personagens: logo no início (2011 inicial), a expressão facial cansada de Zero, seus ombros arqueados ao andar, suas roupas desalinhadas e amassadas e seu mau humor indicam uma pessoa estressada e descontente, algo que nos é confirmado durante sua aula numa universidade privada. Junto ao flashback do ano de 1991 que mostra Zero como um clássico nerd de filmes da cultura pop (inteligente, gago, tímido e apaixonado pela garota mais bela e popular), é automático o associarmos à típica figura do loser, mesmo quando nos é revelada sua genialidade. Em contraste, Sandra, no papel de executiva, vestida com roupas formais e salto alto, é a figura associada ao dinheiro e ao poder, aspecto confirmado por sua repressão à ousadia de Zero por ter realizado testes não autorizados com o acelerador de partículas, cujos recursos vem de investimentos privados em um fundo de tecnologia montado por ela. No entanto, na versão alternativa de 2011, quando Zero enriquece, sua caracterização é oposta, apresentando postura mais ereta, ternos finos e cabelo penteado; aqui é ele quem detém o poder. Já na sequência final, ao caminhar para fora do tribunal com Panda e Helena, antes de saber que está rico, Zero apresenta um figurino com características duais mas de outra forma: veste terno mais simples, sua postura está mais relaxada e seu cabelo levemente desarrumado.



Mudanças na espacialização e na fotografia de acordo com a cronologia também nos chamam a atenção. Em 1991, pela trama se desenrolar em uma festa universitária à fantasia e em um porão, os ambientes são mal iluminados, os cenários estão sempre repletos de artefatos e/ou pessoas e há uma variedade de cores, seja em objetos ou nas roupas das personagens e figurantes. De modo contrário, no 2011 alternativo é trabalhada uma fotografia de luz predominantemente branca que contrasta com os figurinos e objetos de cena, que quando também não são brancos, são da cor preta. Ao contrário do que vemos no passado, tanto os espaços internos quanto externos são amplos e vazios, o que somado às características da fotografia proporciona aparência clean e tecnológica. Já a versão "original" de 2011 (antes das viagens no tempo) nos parece um meio termo entre ambos, alternando as características de fotografia e espacialização observadas nos outros tempos.

Ao articularmos as características apresentadas, percebemos que o infortúnio de Zero teve início em 1991 e foi mantido sob controle ao ser tirado de foco por 20 anos, até que foi solucionado quando o progresso científico foi substituído pelo "progresso" financeiro. Essa abordagem nos permite fazer um paralelo da história com o desenvolvimento da economia brasileira no mesmo período³, em que a ciência corresponde à matriz econômica neoliberal, seguida nos anos 1990 por Fernando Henrique Cardoso (FHC), e o alcance da felicidade à matriz da conciliação de classes, o ensaio desenvolvimentista de Lula.

Entre 1991 e 1994, a economia brasileira enfrenta um período de instabilidade econômica marcado por hiperinflação até a criação do Plano Real, caracterizado pela troca de moeda, privatizações, cortes de despesas e ajuste nas contas públicas, que resultou em queda brusca da inflação – momento em que Zero sofre humilhação e primeiros anos de sua carreira de cientista. A infelicidade e descrença da época nos são reforçadas pela presença marcante da música "Inútil"⁴, da banda brasileira de rock Ultraje a Rigor – famosa por sua letra que claramente critica a política brasileira e duvida da capacidade de progresso do país –, toda vez que a narrativa volta a esse tempo, colocando em cheque o mito da "nação do futuro".

Ao longo do restante da década de 1990, durante a gestão do ex-presidente FHC, apesar de flutuações na inflação e na taxa de desemprego, a economia brasileira é mantida sob controle se comparada ao início da

³ Não levaremos em conta o ano de 2011, devido à produção do filme ter se dado em 2010.

⁴ "A gente não sabemos escolher presidente/ A gente não sabemos tomar conta da gente/ A gente não sabemos nem escovar os dente /Tem gringo pensando que nós é indigente" (Ultraje a Rigor, 1985).



mesma década⁵ – suposto controle de Zero sobre seus sentimentos e foco na carreira científica. Já entre os anos de 2003 e 2007, no governo do então presidente Lula, em função do aumento da taxa de juros pelo Banco Central, a inflação tem um pico e, em seguida, cai vertiginosamente; há gradativa queda do desemprego e aumento no salário real.

Em 2008, devido à crise econômica mundial, a taxa de inflação volta a crescer. No entanto, segundo Almeida et al. (2016), medidas anticíclicas de incentivo à atividade econômica foram capazes de evitar o aumento do desemprego – Sandra vende as ações da Google como indicado por Zero no passado e investe o dinheiro na compra da universidade e na criação de um fundo de tecnologia para financiar a pesquisa com o acelerador de partículas. Os mesmos autores ainda alegam que "alguns dos melhores índices do governo Lula vêm dos anos de 2009 e 2010: inflação e desemprego baixos são acompanhados por bons níveis de crescimento. O Brasil foi apontado como o primeiro país a superar a crise mundial" (ALMEIDA et al., 2016, s/n) – momento em que Zero atinge a felicidade ao se unir a Helena.

Em outro viés, também podemos enxergar na construção da personagem principal, com quem o público se identifica, características que nos permitem explicitar aspectos culturais de uma época. Por sua caracterização, é automático associarmos João ao fracasso e à ingenuidade, mesmo com seu destino grandioso; e Zero, quando esse já assumiu sua personalidade bondosa e está elegantemente vestido, tanto na versão alternativa de 2011 quanto na versão final, a alguém que "deu certo", sendo essa personagem uma representação do Brasil nos dois períodos.

A partir do percurso gerativo de sentido, conforme Shelley (2017), fica claro que O homem do futuro é mais uma versão do arquétipo da ficção científica que se repete desde Frankenstein: "o do cientista louco que em sua árdua perseguição por conhecimento e poder trai valores humanos básicos" (EVANS, 2009, p. 13, tradução nossa). Sobre Frankenstein, Evans (2009, p. 13, tradução nossa) diz que o romance: "exemplificou a rejeição romântica da crença cartesiana do século XVIII do cientista como herói e na tecnologia como inerentemente boa". No entanto, não é o que observamos em O homem do futuro, que nos traz um cientista complexo que não fica preso no dualismo ético entre o bem e o mal, mas transita entre ambos de acordo com suas vontades humanas (característica da pós-modernidade) e uma tecnologia à mercê dessas vontades. O ser humano é quem tem o controle da ciência, ou seja, da natureza, porém, isso não significa um controle de si.

⁵ Dados retirados de ALMEIDA et al., 2016.



Stuart Hall, ao citar Kobena Mercer (1990, p. 43), nos diz que "a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza" (MERCER apud HALL, 2014, p. 10). É o que ocorre com Zero, que ao passar por uma instabilidade (a viagem no tempo) tem de conciliar aspectos de personalidades opostas – as diferentes personalidades que assume nas viagens no tempo e o duelo entre elas no final são a exemplificação disso. No caso da política econômica, as incertezas estão associadas a marcos transitórios: 1991, ano do Plano Collor II, e 2011 (que contamos como 2010), primeiro ano eleitoral após os governos de Lula.

5 Considerações finais

Pelos dados expostos e breves análises, acreditamos haver reflexos das políticas econômicas adotadas ao longo dos anos 1990 e 2000, em O homem do futuro. O início da primeira década foi um período ruim no contexto narrativo (hiperinflação e instabilidade econômica). Passa-se por um íterim de mudanças e ajustes (impeachment, adoção de nova moeda e políticas neoliberais – da qual destacamos as privatizações, já que todas as instituições que aparecem nesta ficção são privadas) até a felicidade ser atingida (adoção de uma política supostamente mais voltada à esquerda e o retorno de um discurso desenvolvimentista).

Aqui, o avanço científico foi um meio para que o progresso capitalista fosse atingido. Contudo, ao compreendermos Zero enquanto a personificação do país, entendemos que o discurso da predestinação também se encontra presente no filme. Isto porque mesmo em uma realidade alternativa, é no Brasil que o conversor de partículas/máquina do tempo é desenvolvido e sempre temos a pessoa certa para operá-lo e conduzir o país no caminho correto para um futuro próspero, neste caso, representado pelo crescimento econômico. Ou seja, a grandiosidade está em nosso destino e é questão de tempo para que se concretize.

Referências

- ALMEIDA, Rodolfo et al. Da hiperinflação à estagflação: a economia desde 1991. **Nexo**, 2016. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/grafico/2016/05/02/Da-hiperinfla%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-estagfla%C3%A7%C3%A3o-a-economia-desde-1991>>. Acesso em: 20 out. 2018.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2005.
- CRUZ, Adriana Inhudes Gonçalves da et al. **A economia brasileira: conquistas dos últimos dez anos e perspectivas para o futuro**. Banco Nacional do

- Desenvolvimento Econômico e Social, 2010. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Galerias/Convivencia/Publicacoes/Consulta_Expressa/Tipo/BNDES_Setorial/201210_1.html>. Acesso em: 02 out. 2018.
- EVANS, Arthur B. Nineteenth-Century SF. In: BOULD, Mark et al. (Orgs.). **The routledge companion to science Fiction**. Londres: Routledge, 2009. p. 13-22
- FONSECA, Pedro Cezar Dutra. Gênese e precursores do desenvolvimentismo no Brasil. **Pesquisa e Debate**, v. 26, n. 2, p. 225-256, 2004.
- FONSECA, Pedro Cezar Dutra; CUNHA, André Moreira; BICHARA, Julimar da Silva. O Brasil na era Lula: retorno ao desenvolvimentismo? **Nova Economia**, v. 23, n. 2, p. 403-428, 2013.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- JAMESON, Frederic. **Archaeologies of the future: the desire called utopia and other science fictions**. London: Verso, 2005.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.
- LISTAGEM de filmes brasileiros com mais de 500.000 espectadores 1970 a 2017. **Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual**. Disponível em: <https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/2105_0.pdf>. Acesso em: 30 set. 2018.
- MERCER, Kobena. Welcome to the jungle. In: RUTHERFORD, J. (Org.). **Identity**. Londres: Lawrence and Wishart, 1990. p. 43.
- MORAIS, Lecio; SAAD-FILHO, Alfredo. Da economia política à política econômica: o novo-desenvolvimentismo e o governo Lula. **Revista de Economia Política**, v. 31, n. 4, p. 507-527, 2011.
- OLIVA, Aloísio Mercadante. **As bases do novo desenvolvimentismo: análise do governo Lula**. 2012. 534 f. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/286345>>. Acesso em 10 out. 2018.
- PIASSI, Luís Paulo de Carvalho. **Interfaces entre fantasia e ciência: um estudo semiótico do filme "2001: uma Odisseia no Espaço" como modelo de interpretação em perspectiva educacional**. 2012. 204 f. Tese (livre docência). Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/100/tde-29082016-161259/pt-br.php>>. Acesso em: 02 out. 2018.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SAMPAIO JR, Plínio de Arruda. Desenvolvimentismo e Neodesenvolvimentismo: tragédia e farsa. **Serviço Social e Sociedade**, n. 112, p. 672-688, 2012.
- SHELLEY, Mary Wollstonecraft. **Frankenstein, ou "O prometeu moderno"**. São Paulo: Penguin, 2017.



SINGER, André Vitor. Cutucando onças com varas curtas: o ensaio desenvolvimentista no primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011-2014). **Novos Estudos**, São Paulo, n. 102, p. 43-71, 2015.

SINGER, André Vitor. A (falta de) base política para o ensaio desenvolvimentista. In: SINGER, André; LOUREIRO, Isabel (Orgs.). **As contradições do lulismo: a que ponto chegamos?** São Paulo: Boitempo, 2016. p. 21-54

ULTRAJE A RIGOR. Inútil. In: **Ultraje a Rigor. Nós vamos invadir sua praia.** Rio de Janeiro: WEA, 1985. Faixa 6. Disco de vinil.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.